

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam...

RELIGIAO E SCIENCIA

... ad ea quae sunt priora extendens me ipsum
ad destinatum persequor, ad bravium tri-
umphum Ecclesiae... in Christo Jesu.

AD PHILIP. 3. 12.

LITTERATURA E ARTES

ID 13. 14.

GUIMARÃES 30 DE JULHO DE 1886

Guimarães a S. Luiz Gonzaga

GUIMARÃES offerecia, no dia 14 do corrente, um aspecto altamente agradável, e, diremos até, imponentissimo. Quem desde as primeiras horas do dia percorresse as ruas da cidade havia notar um movimento desusado, um fervor de creanças para um e outro lado, uma alegria indiscriptível em rostos infantis, e depois notaria também que de todas as direcções, convergindo para um mesmo ponto se dirigiam grupos numerosos de creanças, presididos por seus mestres, ostentando os seus melhores vestidos, advinhando-se em todos esses semblantes as alegrias da innocencia.

Que haveria n'esse dia em terras viamaranenses? Que conspiração se ia tramarm com toda a creança?

Sigamos os diversos grupos, e entremos com elles no vasto templo de S. Domingos, onde em gracioso andorinho se elevava a imagem de S. Luiz Gonzaga.

Está descoberto tudo. A infancia estudiosa de Guimarães prepara-se para festejar o santo seu protector, o anjo das escolas, o typo de todas as virtudes. E não se fizera nada exteriormente, não estouraram na vespera foguetes, não se ouvira a harmonia das musicas, não se fizeram pomposos programmas! Uma novena em honra do santo, e lavadas as tenras consciencias na fonte salutar da penitencia, eis tudo, eis os preparativos para a grande festa.

E grande lhe podemos chamar, porque toda a grandeza de uma festa deve consistir no maior numero de graças que se possam obter, e por isso nós vemos mais de cem creanças approximar-se da Meza Eucharistica, com suas mestras e mestres, mostrando assim que sabem por onde se deve principiar as festividades no templo.

Antes da communhão, fizera o digno parochio de S. Paio, Revd.^{mo} Snr. padre Joaquim Ferreira de Freitas, a

seguinte tocante pratica ás creanças:

«Meus meninos, e minhas meninas:—Esta festa é vossa, porque é dirigida a S. Luiz Gonzaga, constituido modelo e protector da mocidade estudiosa; e pertence a S. Luiz Gonzaga, por que é offerta vossa.

Elle, assim como vós, foi creança, e, creança ainda foi por Deus chamado ao gozo da eterna bemaventurança, o que a todos vos pôde succeder, se, como elle, cumprirdes fielmente com os vossos deveres religiosos e sociaes; se fordes como elle bons christãos, bons filhos, bons discipulos, e bons irmãos. E' d'elle que deveis tirar lições de todas as virtudes: se o imitardes certo tereis a recompensa promettida pelo nosso divino Salvador—Christo—Senhor nosso. A vossa presenca hoje n'este logar; a compostura e seriedade que apresentaes agora, e com que vos portastes em todas as novenas, demonstram bons sentimentos, e provam a vossa adhesão aos ensinamentos de vossos religiosos paes, e zelosos mestres. Tudo vos faz honra, e nos onche de prazer. Mas quando estaes prestes a praticar um dos mais sublimes e importantes actos do culto divino, que mais pôdo influir na vossa santificação, não será desarasado que eu também, como parochio d'esta freguezia, ainda que indigno, vos faça conhecer mui singela e simplesmente, em poucas palavras, quaes as disposições com que deveis chegar á sagrada Meza Eucharistica, e receber dignamente o corpo e o sangue de Jesus Christo.

Meus meninos, e minhas meninas:—Consideras primeiro, que aquelle que em breve vae tomar posse do vosso coração, é um Pae carinhoso, que se compraz em cummular-vos de beneficios; é o Deus de amor, que vos reuniu á custa de tormentos; é o Omnipotente a cuja voz tudo obdece; é o Altissimo, Senhor e conservador de tudo quanto existe, e a quem milhares de anjos incessantemente adoram e bendizem!

Depois lembrae-vos de que sois ingenuas creaturas formadas do barro da terra; que continuamente tendes offendido a esse Deus tão cheio de bon-

dade, que agora se digna recolher-se no vosso coração, porque, alem d'outras fragilidades, tendes desobedecido a vossos paes, tendes despresado os prudentes conselhos de vossos mestres; porque tendes faltado ao respeito devido a todos os superiores, e sido soberbos e orgulhosos para com os vossos irmãos e companheiros.

Nada ha sobre a terra, meus caros meninos, mais consolador, mais tocante, mais patetico, mais edificante, mais attrahente, o que mais agrade a Deus, do que é um menino bem marigerado, humilde, socegado, estudioso, affavel, que obdece e respeita a todos a quem deve, sem offender ninguem; e que, servindo a Deus o melhor que pôde o sabe, cumpre a sua Lei santissima, e observa os preceitos da sua Igreja. E vós tendes feito assim, tendes praticado d'esta maneira? Ora confesseae, confesseis que não!

E' preciso, pois, é urgente, e necessario, é absolutamente indispensavel que vos arrependaes de ter obrado tão mal; que protesteis n'esta hora solemne uma sincera emenda, e que renasça no vosso coração um grande amor para com Deus, pedindo-lhe perdão, como o promettestes já aos pés de vosso confessor. Se assim estaes dispostos, e quero suppôr que o estaes, podeis chegar-vos sem temor á Meza da Communhão, e alimentar as vossas almas com o pão que será da vida para vós. Que felicidade a vossa, se com tal preparação e taes disposições vindeis receber a Jesus Christo Sacramentado para melhor honrardes o vosso illustro patrono! Possuireis a Deus inteiramente e tereis em S. Luiz Gonzaga um amigo e fiel protector que vos livre dos perigos do mundo.

Acompanhae, pois, o ministro do Senhor quando entoar a confissão em arrependimento dos vossos peccados, e depois vinde recobor o corpo e o sangue do Cordeiro sem macula, que muito me apraz em ministrar-vos, para melhor poderdes desempenhar convenientemente os vossos deveres christãos e sociaes.»

Depois tivera lugar nma missa cantada a grande instrumental, e de tarde sermão pelo Revd.^{mo} Padre Carlos Gou-

vêa, o benção do SS. Sacramento.

N'esta occasião é que o quadro era esplendido, grandioso, magnifico! Então não estavam ali unicamente as creanças que commungaram; estavam todas as creanças que frequentam as escolas de Guimarães de um e outro sexo. A nave central da egreja era occupada toda, era um mar de cabeças infantis. Mas um mar placido, quedo como um lago, cousa rara, porque é raro conter os impetos de um mar de rapazes. No cruzeiro da egreja estavam as meninas, com as suas directoras, e na capella-mór as meninas das escolas da Ordem Terceira de S. Francisco, com as Irmãs hospitaleiras, suas directoras e mestras, e na frente um grupo de meninas graciosa e elegantemente vestidas de branco com bandas e laços de seda azul e branca. Quando o Padre Carlos subiu ao pulpito, d'este grupo de creanças, rompeu o hymno de S. Luiz Gonzaga, primorosamente en-saiado.

Quem da capella-mór onde nos achavamos olhasse por toda a extensão do templo até fóra da porta, e visse milhares de rostos a alvejar por meio da variedade de côres dos vestidos de todas as creanças, e, a contornar esse formoso grupo, formado pela innocencia, milhares de pessoas de todas as classes e condições, havia forçosamente exclamar, como nós: bravo! quadro esplendidissimo! pensamento digno dos cantos de um poeta, das côres do melhor pintor, do buril do mais afamado artista. Assim o havia pensar o nosso amigo Padre Antonio Coutinho, collocado no fim do quadro, revendo-se na sua obra, deixando advinhar que no seu coração cabiam tantas alegrias quantas se abrigavam em todos aquelles corações juvenis.

A's 6 horas da tarde saiu a procissão, formando as alas todas as creanças, todas com um laço de fita azul e branca, d'onde pendia a medalha de S. Luiz. Rompia nma formosa bandeira e seguiram depois duas alas extensas de creanças, primeiro os meninos, com seus mestres e depois as meninas com suas mestras. No fim de todos estendiam-se as duas graciosas alas das meninas de S. Francisco, com as suas alvissimas toucas a emoldurar-lhe os innocentes rostos, com as mãos erguidas, e sempre na melhor ordem, imitando as boas Irmãs que as acompanhavam.

No centro d'estas alas agrupavam-se varios *anjinhos* e o côro que cantava o formoso hymno. Ladeavam este grupo algumas senhoras, por sua piedade e fervor religioso, das mais distinctas de Guimarães, que dirigiam e acompanhavam o côro, pelo que lhe damos acallorados parabens, ainda que pese a

algum espirito *malfezejo*. Se todas as mestras acompanhavam suas discipulas; se as Irmãs da Caridade, esses anjos, essas heroínas, que nas duas casas onde são mestras entornam no coração das creanças a fé e o amor a todas as virtudes; se ellas ali iam levantando-se de em meio de tantas creanças, como marcos da civilisação, como athletas do progresso; porque não haviam ir ali tambem as virtuosissimas senhoras, as promotoras de tudo quanto é grande, de tudo quanto levanta e apresenta Guimarães nos olhos de Portugal, como uma cidade verdadeiramente catholica?

O andor era levado alternadamente por quatro meninas vestidas de branco com bandas azul e brancas, e por quatro meninas vestidas de preto, com as mesmas bandas. Atraz do andor, e como fazendo a guarda de honra ao anjo das escolas, iam alguns ecclesiasticos de habitos talares, e fechava o prestito a banda do snr. Lucinio, que acompanhava o côro.

As creanças que formavam a procissão eram, talvez, 1500, e pelas ruas e praças por onde passava a sympathica manifestação, era difficil o transito.

Um abraço ao nosso amigo Padre Coutinho e mil parabens a todos que se associaram a esta festa, aos professores, ás professoras e a Guimarães!

J. de Freitas.

SECÇÃO RELIGIOSA

Causas da duvida em materia de Religião

(Continuado da pagina 123)

III

As épocas de mau gosto, de costumes corrompidos e de irreligião, são tambem indefectivelmente épocas de ruina economica. E reciprocamente, sempre que os bons costumes, a liberdade e a honestidade florescem no seio da familia, na sociedade, no Estado e na Egreja, com as letras e as artes, estejam certos de que tambem prospera por seu turno o desenvolvimento economico.

Esta notavel coincidência que se observa em todos os periodos da historia, não é seguramente um effeito da casualidade. Os verdadeiros servos de Mammou na economia social e domestica, observa alguns Roscher, podem considerar o communismo como o reflexo de seus proprios absurdos.

Em tempos, diz o proprio Condillac, em que se julga que o di-

nheiro tudo pôde, a ruina universal é o fim inevitavel das especulações commerciaes, financeiras, e politicas.

Assim, pois, a sciencia, e particularmente a sciencia da natureza, abandonando a religião, abandonase a si propria. Aparta-se do objecte mais elevado de toda a sciencia e das existencias todas, rebaixa-se ao papel de serva dos interesses mais vis, e escrava do trafico e de lucro.

Estamos muito longe de desauthorisar a sciencia que trata especialmente dos interesses materiaes. H'ora pouco prudente deplorar as conquistas de todo o genero que tem realisado o espirito humano com o auxilio das sciencias naturaes. Se nos accommettesse tal tentação, o poeta christão por excellencia, Dante Alighieri, podia dar-nos uma lição, pois que qualifica a industria de *filha de Deus e imitadora do poder divino que creou e governa o universo*. A religião, o estado e a industria fazem parte do mesmo todo.

D'aqui resulta que a instituição pertencente a qualquer d'estes ramos não poderá ser boa, quando pareça evidente que se oppõe á prosperidade das outras duas, pela razão de que as obras de Deus não podem contradizer-se.

Que a pratica e melhoria d'uma industria habil e ousada, que o recto e legitimo goso dos bens mundanos não só podem, mas até devem, conciliar-se harmonicamente e caminhar a par da vida mais ideal e indifferente ás cousas materiaes, já o havia observado F. Bacon, celebre author do methodo para o estudo das sciencias naturaes, e pela nossa parte temos d'isso uma prova effectiva n'esse admiravel periodo da idade media, que presentemente surge pouco a pouco do esquecimento em que estava abysmado anteriormente. N'esta epocha, quando o espiritualismo brilhava em todo o seu esplendor, via-se elevarem-se ao pé de poderosas cathedraes, entre um bosque de torres, essas cidades formadas de palacios, assento de commercio e de riqueza. H' estas esplendidas maravilhas da magnificencia e da arte, cujos raros e escassos restos mal podemos comprehendere, não tinham por fundamento, por apoio e condição necessaria, como o luxo moderno, a repugnante miseria d'um proletariado numeroso, pobre plebe que soffre entregue aos ventos da casualidade.

Um historiador contemporaneo-digno de credito, o italiano Guichar,

dini, fallando de Flandres, onde o luxo e a industria florescia no mais alto grão, assegura, que ali havia descido o bem estar até às ultimas camadas da sociedade.

As obras que, ainda com a escassez relativa de meios de que dispunha, executava o homem para maior gloria de Deus, em honra da religião e da piedade, demonstram superabundantemente que não é incompativel com o espirito mercantil e de conquistas industriaes uma vida verdadeiramente christã, que sabe dominar e enfrear a natureza.

Mas quando os interesses materiaes chegaram a dominar tudo, até ao ponto de absorver todos os pensamentos do homem, todos os seus desejos e toda a sua vida; quando tudo isto succedeu, a alma jamais encontrará, nem ainda por breves momentos, o socego celestial, nem o recolhimento interior, nos quaes ella, a não se achar ensurdecida pelo tumulto das preocupações terrestres, poderia escutar a voz da verdade, e o sincero chamamento de sua verdadeira natureza. E' em vão que nas horas, mui frequentes por certo, em que a vida se entrega repentinamente a uma grande melancolia, ou em que qualquer desgraça imprevista parece aniquilar todas as nossas esperanças, se apodera de nossa alma certo presentimento da vida futura, e a faz estremecer, e parece romper o encanto d'este mundo, de que estava dominada; porque estas emoções são tão fugitivas que não podem mudar a direcção definitiva que um grande habito imprimiu nos nossos pensamentos.

Muitos permanecem, pois, em continua fluctuação entre a fé e a incredulidade, como os condemnados do *Inferno* de Dante, a quem o ceu não admittiu e o *inferno* recusa. O mesmo que disse *sciencia é poder*, Bacon de Verulamio, disse tambem que meia sciencia afasta de Deus, em tanto que a verdadeira sciencia conduz a Elle; verdade que foi confirmada por Niebuhr no tocante á historia. Esta phrase dirige-se á raça actual de semi-sabios, que é mais numerosa do que se julga.

Estes, apénas provaram do necitar da sciencia, cahiram na embriaguez, accomettidos de esvaecimento e de vertigens. Bebam este licôr a grandes tragos, e a sua vista apparecerá clara, recto o seu sentimento e seus juizos sobrios. Para conservarem a sua fé com a simplicidade da creança e com piedosa

humildade, estão demasiadamente envaidecidos com o pouco que sabem. Quanto a substituir a fé simples por uma profunda convicção religiosa, assente por todos os lados em solidos estudos philosophicos e historicos, por uma convicção em que descança a alma com certeza inquebrantavel e consoladora, e que nos dispõe para *estar preparada para dar contas das esperanças que alimentam-os*, acham-se inhabilitados de todo o ponto; faltam-lhes para isso todas as condições necessarias: nem possuem a verdadeira sciencia, nem ao menos o gosto por ella, nem a seriedade no pensar, nem o amor á verdade levado até á abnegação.

«O trabalho da meditação philosophica, diz Malebranche, instituído pela verdade eterna, é hoje absolutamente necessario. Necessitamos saber que nos é impossivel comprehender claramente a verdade sem trabalho e sem esforço, porque, como peccadores, estamos condemnados a grangear a vida com o suor do nosso rosto, o que se não deve referir unicamente á vida do corpo, mas sim á vida e alimento da alma; isto é, a verdade.»

Porém, segundo a excellente observação de Pascal, «é a religião uma cousa tão grande, que é justo que se vejam privados d'ella os que não querem ter o trabalho de averiguar se é obscura.»

(Continua)

SECÇÃO SCIENTIFICA

Os principios catholicos perante a rasão

(Continuado do n.º anterior)

XI

Milagres do Jesus Christo

A EXECUÇÃO do Redemptor foi publica, e Jesus não podia livrar-se d'ella sem o consentimento dos seus verdugos inhumanos, da guarda militar e de todos os espectadores, que em grande numero rodeavam o Calvario. Seria possivel seduzir tanta gente? Basilides e Cerintho defenderam este absurdo, suppondo que em lugar de Jesus Christo recebeu a morte o Cyreneo; mas contra semelhante erro protestaram todos os fieis que tinham presenciado o successo; e a Igreja condemnou esta heresia não só pela sua falsidade historica, mas por causa de contralizer o sancto mysterio da Redempção. Pobre plagiato o que os encyclopedista do seculo XVIII fize-

ram de tão leviano e absurdo argumento, torpemente acollido pelos incredulos dos nossos dias.

Depois de embalsamado o corpo de Jesus, levaram-n'o a um jardim que José de Arimatea possuia á beira do Calvario e n'aquelle sancto logar foi sepultado. Um sarcophago de pedra recebeu os restos mortaes descravados da cruz, e uma numerosa multidão de povo presenciou a piedosa occupação de seus amigos, e a ultima prova de amor que tributaram a seu Mestre.

O sepulchro achava-se collocado no interior de certa gruta antiga, aberta n'uma rocha e cuja entrada foi cuidadosamente cerrada: e de grandes dimensões devia ser aquella pedra para poder haver n'ella um concavo que tivesse uma porta e a capacidade necessaria para conter o corpo de Jesus e caberem n'elle as pessoas que alli o foram depositar.

Os judeus confessaram que o cadaver estava no seu logar no sabbado de manhã, hora a que sellaram com o selo publico as juntas da pedra, pondo ao sepulchro uma guarda numerosa, e referem-nos que na madrugada do domingo foi encontrada aberta a entrada da gruta.

Este acontecimento teve de occorrer no sabbado, de noite, e os soldados declararam, posto que depois se desmentissem, que estando a dormir, lhes tinham roubado o corpo do Messias. Sem levarmos em conta as contradicções dos guardas, detenhamo nos uns breves instantes no exame imparcial e critico do facto.

O supposto roubo só podia ser effectuado pelos discipulos de Jesus Christo, e para o levarem a effeito era preciso arrancar a enorme pedra que cerrava a entrada do sepulchro.

Necessitava se de gente e de ferramentas para esta larga e trabalhosa operação, que não se podia executar sem ruido; onde estava, pois, a guarda que não sentiu aquella manobra? pode crêr-se que todos os soldados dormissem sem que um só despertasse? Somno verdadeiramente profundo como a obcecação dos que admittem supposições tão absurdas.

Aquelle que guiado pela historia examinar os successos occorridos na paixão e morte de Jesus, observará desde logo que os Apostolos se dispersaram, procurando a sua segurança pessoal: um só teve o valor de o seguir, ainda que de longe, apressurando-se a negar as relações que o uniam a seu Mestre.

O povo achava-se enfurecido contra Jesus Christo, a quem os phariseus e Babbins accusavam de magico e feiticeiro, inimigo do Cesar e da lei Mosaiica; a situação não era, pois, muito op-

SECÇÃO HISTORICA

Suissa

portuna para que aquelles homens, aos quaes o publico conhecia por os ter visto na sancta companhia d'aquella victima innocente, que a final tinham em suas mãos, podessem apresentar-se.

Assim é como os discipulos e amigos de Jesus fugiram e se esconderam, e o Senhor esteve à mercê dos seus verdugos até ao caminho do Calvario, onde se acercaram d'elle sua Mãe e outras sanctas e piedosas mulheres, que presenciaram aquelle crime horrivel.

No logar da execução só compareceu S. João para receber as ultimas palavras do Messias, que o recommendava ao cuidado de sua Mãe.

As palavras com que S. Marcos conta tudo quanto occorreu, revelam claramente o terror de que estavam possuidos os Apostolos, os quaes recorreram a José de Arimatea para que pedisse ao governador romano o cadaver de seu Mestre.

Necessitaram, pois, que um personagem da importancia e riqueza de José, poderoso e illustre senador, se apresentasse denodadamente (1) a reclamar aquelle divino corpo para lhe tributar os ultimos serviços.

Não é possível a supposição que attribue a estes homens tímidos o atrevido plano de abrirem a sancta gruta guardada pelos soldados.

Mais corajosas as mulheres, quizeram levar novos perfumes ao sepulchro na madrugada do domingo, e tropeçando com a difficuldade de abrir a entrada, diziam entre si: *Quem nos ha de revolver a pedra da bocca do sepulchro? Mas olhando viram revolvida a pedra, e ella era muito grande* (2).

A Synagoga tinha interesse em seduzir os soldados, para explicar ao povo com aquella estuda da noticia o successo que se referia e commentava por toda a cidade, e para salvar o seu credito era necessario allucinal-o, porque as intrigas que tinham posto em jogo levaram ao supplicio um homem innocente, cuja resurreição, justificando a sua divindade, descobria toda a perfidia d'aquelles Phariseus hypocritas e corrompidos: esperavam, alem d'isso, uma furiosa insurreição quando o povo chegasse a persuadir-se que se tinham realisado as sanctas profecias; e diante da possibilidade de desgostar a Cezar, enchiam-se de espanto os magnates degredados.

Adoptaram, não obstante, a nova religião todos os homens de entendimento recto e imparcial, a cujos olhos não pôde escurecer-se a verdade d'este prodigio, as repetidas apparições do Messias e a sua maravilhosa e publica ascensão ao céu. E ao valor e eloquencia repentina d'aquelles Apostolos cobardes e ignorantes deveram-se numero-as conversões, não só da classe do povo, mas de pessoas notaveis e illustradas.

D. Francisco Xavier Garcia Rodrijo

FAZAMOS aqui uma enumeração historica em honra e gloria da Igreja de Deus; sabe-se como do sacro Imperio Allemão passaram á Suissa as tristemente celebres *leis de maio*, e se não estas leis o espirito de ellas; sim passou da *Germania a Helvetia o Kulturcampf*, e fizeram a mesma viagem os escandalosos esforços dos que se deram o nome de *Velhos catholicos* mas que não eram mais que *velhos rebeldes* ou homens já conhecidos por uma *doutrina equivooca*, ou mesmo *rebelião*.

A força dos ataques tanto na Allemanha como na Suissa respondeu invencivelmente a Igreja Catholica Apostolica Romana, e de esta constancia resultou os homens politicos *governantes* nas duas referidas partes da Europa, convencerem-se de que não podiam vencer a Igreja de Deus e que a guerra á Igreja Catholica era o mesmo que associar-se aos homens que só querem a irreligião com todos os homens da desmoralisação.

O governo germanico deixou o caminho que o levou ao abysmo, embora sem a completa resolução, de que depois se foi aproximando, e esperamos que venha a ser completada; uma boa mudança se foi tambem realisando na Suissa, e como prova e *v. gr.* digamos alguma cousa do que se passou no *Cantão do Tecino*, um dos 22 Cantões que formam a confederação Helvetica ou Suissa; n'aquelle Cantão gosa hoje Sua Liberdade de Sacrosanto Direito a Igreja Catholica; o povo tecinense fez conhecer a sua firme resolução a tal respeito em 21 de março de 1886; e n'este magno resultado teve muito a Santa Mestria com que se houve o actual Administrador Apostolico do Tecino Monseñhor o Arcebispo Eugenio Lachat, em quem confiou o povo tecinense e confiaram os homens politicos *governantes*.

Actualmente a Igreja Catholica no Tecino não só não encontra obstaculo no seu Santo Livre Exercicio, como tambem não é incommodada na administração dos seus bens. Mas não teriam sido obtidos estes grandes resultados, se os Catholicos do Cantão deixassem de se unir, e se deixassem de fazer a sua união effectiva pelos esforços *em acção*. O Estado tinha chegado ao excessivo de se querer tornar Igreja,

porém os Catholicos foram-lhe resistindo sempre com tanta firmeza e prudencia que a final venceram em sua justiça, e o proprio Estado lh'a reconheceu. A Paz Religiosa na Suissa declarou-se com o Accordo feito em 1884 entre a Santa Sé e o Conselho Federal Suiso, embora os Negocios Religiosos do Tecino tivessem sido tomados em especial consideração, pelo que de especial havia a regular n'este Cantão.

Até entre os *Protestantes* sérios foi applaudida a nova situação a que vamos referindo ou o acabamento de uma perseguição aos Interesses Catholicos que ia levando a Suissa inteira para o *Materialismo*. Se tudo não voltou ainda ao estado anterior, ao *Kulturcampf* é certo que este esgotou os seus esforços, *sem resultado*, para arrancar a Fé Catholica á Suissa, teve já de ceder em seus *triumphos* injustos, e tem de ceder *de todo*.

Uma das *maiores victorias do Kulturcampf* foi o expulsar de Genebra e da Suissa Monseñhor Mercuillod, Prelado e Cidadão Suiso; e agora temos a consolação de ver este mesmo Prelado Pastoreando um dos Bispados da Helvecia, e em toda a Suissa não ha uma voz que se insurja contra a volta de tão benemerito Cidadão e Prelado á sua Patria, nem contra a nova collocação que a Santa Sé lhe deu transferindo-o de Bispo Auxiliar de Genebra para Bispo Prelado Ordinario de outra Diocese do Episcopado Suiso.

E Monseñhor Lachat, que tão perseguido foi pelo *Kulturcampf* na Suissa hoje é como fica dito, o Administrador Apostolico do Tecino. A Igreja Catholica como Esposa Mystica de Jesu-Christo participa do «*Deus patines quia aeternus*» e assim *Paciente* vence!

O *Kulturcampf* chegou em seu rancor diabolico contra os Catholicos até commetter loucuras como a da expulsão de cidadãos benemeritos suissos do territorio helvetico, e ao mesmo tempo admitindo n'este o *refugio* de outros Povos *v. gr.* os *communistas de Paris*, e aquella expulsão só tinha por *fundamento* os expulsos sustentarem os Santos Direitos da Igreja de Deus, e mesmo reconhecidos pela *Lei Suissa*; e de mais a mais sendo os Catholicos na Suissa, como em toda a parte, os mais firme defensores dos interesses patrios, os primeiros agentes da paz publica, os primeiros elementos da felicidade geral domestica, os não excedidos guardadores do direito de propriedade;

(1) Ando ter introivit et petit corpus Jesus; cap. xv, vers. 43

(2) S. Mat. Evang. Cap. xvi. vers. 3 e 1

e com todos os meritos os embellezadores da Patria nas differentes localidades como *por ex.* em Genebra, cujo primeiro bello Monumento é o Templo Catholico dedicado a Maria Santissima = *Notre Dame de Genève* = edificaco pelo já respectosamente mencionado Monsenhor Meruillod, e a quem foi usurpado por *séctarios* a sombra do *Kulturcampf*.

Os Estados Cantonaes como o Estado geral Helvético nunca tiveram senão a louvar-se pelas suas Relações com a Santa Sé, achando sempre no Papa um Verdadeiro Amigo da Nação Suissa; porém e apesar de isto o *Kulturcampf* no Paiz das Montanhas cortou a suas Relações com o Vaticano; mas como esta *Montanha* é inabalavel o *Kulturcampf* é que foi *abalado* e mudou o modo de ver *Official* na Suissa a respeito da Santa Sé.

A lingua do Tecino é a italiana; o Cantão une com a Lombardia por uma das suas fronteiras geographico-naturaes; nos cantões Helvéticos ha divisão de idiomas, são falladas por grupos quatro linguas.

O leitor talvez já lêsse, e com a mesma assignatura, uma parte do que vai dito n'este escripto, mas nem por isto nos detivemos e antes temos por conveniente, ao menos, o repetir *ampliado* o já dito.

O Catholico não pôde desejar que a Igreja seja perseguida, embora deva reconhecer n'ella o Seu Character *Militante*; mas dada a perseguição o Catholico está certo de uma nova *Gloria Providencial* para a Santa Igreja, sem que seja dispensado de fazer tudo que está da sua parte, e assim o vemos no Tecino, na Suissa; o *Kulturcampf* perseguiu a Igreja de Deus e a Mesma Igreja triumphou.

D. Antonio de Almeida.

SECÇÃO CRITICA

Ainda os missionarios em Barcellos

AINDA mais uns *pósinhos* (mas não de gata borralheira) sobre as primeiras rabiscas do *pasquineiro*. Acho-as muito lindas, muito engraçadas. E para que os leitores não tenham o tralhalho de folhear um dos passados numeros d'esta Revista, onde já foram integramente publicadas, vou repetir a transcripção d'ellas; vou fazer com que mais uma vez *abrillhantem* as paginas do «Progresso Catholico».

São hoje necessarias as primeiras rabiscas do *pasquineiro*; e, então, appareçam já *direitas, desempenadas como soldados na fórma*. Mostrem-se, pois, as *bellas* rabiscas para se lhes fazer uma nova autopsia.

El-as:

«*Liberaes de todas as cores, patriotas honrados, que ainda brandis o aço das vossas pennas e o gume das vossas espadas — alerta, que o inimigo das trevas, os bandidos hypocritas, os vendilhões do templo, os nefandos sotaínas, estão erguendo, com altivez e sobranceira o cóllo, o pondo em pratica os seus demolidores, os seus dissolventes planos de esphacelamento e de anarchia social*». (1)

Já vimos que o *pasquineiro* não pôde chamar «*patriotas honrados*» aos «*liberaes de todas as cores*» sem licença dos missionarios catholicos. Isto ficou mais que provado pelo que disseram os mesmos liberaes (2) e mais que provada ficou tambem a muita ignorancia e atrevimento do rabiscador, *d'enças moraes* que podiam ser *bem curadas* por um reinedio caseiro e efficacissimo — por uma duzia de palmatoadas, mas palmatoadas tão *leves* que movessem o «*bandido*» escrevinhador a implorar perdão logo que *saboreasse* o primeiro *bolo*.

(1) Disse o liberal snr. Pinheiro Chagas, como já viram os leitores, que os missionarios catholicos, missionando na America, na Africa e na Asia, eram «*MARTYRES DA CIVILISAÇÃO* e do christianismo», atravessavam «*invios desertos*» e affrontavam «*mil vezes a morte*». Disse mais que o Padre Antonio de Andrade, penetrando no Thibet, expoz-se a «*mil perigos*».

Cá, onde *todas* as aldeias, villas e cidades *não tardam a reventar* por causa da *demasiada* civilisação que têm *dentro do abdomen*, os missionarios, *mais dia, menos dia, são assassinados* pelos liberaes, apesar d'estes *navegarem sempre no grande mar da fraternidade*. Pois não berra o «*nefundo*» rabiscador pelos «*liberaes de todas as cores*» para *brandirem o gume das espadas* contra os missionarios? E elles, os missionarios têm tanto medo que.... O rabiscador sabe muito bem o modo que elles tiveram em Barcellos.

(2) Se o *pasquineiro* quizer mais luz: liberal sobre as *maroteiras* dos *frades* e até *jesuitas* (mas não *jesuitas do Varatoj*), note-se, compre e leia o livro intitulado — «*Os Frades*» — pelo exc^{mo} snr. J. de Lemos.

Alli é que apparece cada *tratamta-da!*..... Ora ahí vai, *para amontar, um punhado de maroteiras*. Quem as narra é o liberalão snr. Joaquim

trevas» que se lê nas supracitadas rabiscas do insolente *pasquineiro*.

«*Inimigo das trevas*»!!!.....

Que magnifica ideia teve o «*nefundo*» rabiscador da fallecida «*Ideia Nova*»!!

Sim, senhor; apoiado. Alguma verdade havia de dizer o «*bandido*» rabiscador barcellense.

«*Inimigo das trevas*»!!.....

Quem ha, excepto o rabiscador, que não seja «*inimigo das trevas*»? Mas..... perdão. O «*nefundo*» escrevinhador tem companheiros. Amigos das trevas são os morcegos, as corujas, os mochos, os sapos, etc. Estes, sim; estes, como o *pasquineiro*, não querem a luz e appetecem as noites para *passareem*, para se *divertirem*, para nos *deleitarem com os seus maviosos cantos*, para..... não sei mais para que. Estes, sim, são os amigos das trevas.

«*Inimigo das trevas*» sabe o rabiscador quem é? E' o missionario catholico (3); «*inimigo das trevas*» sou eu (4); inimigas das trevas são todas as pessoas de senso; o mesmo *inimiga das trevas* é a criança, que tudo quer saber de tudo exige explicação.

Mas deixemos em paz a palmatoria.

Vamos agora áquelle «*inimigo das*

Martins de Carvalho. Veja o *pasquineiro* o que elle diz dos *jesuitas*:

«*Devemos, em preito da verdade, dizer que o comportamento que os Jesuitas tiveram em Coimbra foi sempre exemplarissimo*. (Que grande *maroteira!*) Extranhos completamente á politica, e *cumprindo com todo o escrupulo os seus deveres religiosos* (outra *maroteira*), não houve pessoa n'esta cidade, *qualquer que fosse o seu partido*, que tivesse o *mais insignificante motivo de queixa d'elles*. (Que tal?) Faziam um perfeito contraste com muitos membros do clero regular, que cheios das mais exaltadas paixões politicas, manchavam a cadeira da verdade, soltando d'ella os maiores improprios contra o partido liberal, em logar de *prégarem a paz e a caridade, tão recomendadas no Evangelho*. (Sempre *tratadas!*)

Mais um pouquinho. Diz ainda o snr. Martins de Carvalho:

«*Foram incumbidos* (os jesuitas) em 10 de Abril de 1833 de cuidar de

(3) Que o missionario catholico é «*inimigo das trevas*». ninguem de juizo são o contesta. Derramar a luz por toda a parte, tal é o constante trabalho do missionario. Isto mesmo confessam os liberaes, como já se observou.

(4) A luz que tenho aqui ministrado ao rabiscador, é prova bastante de que sou «*inimigo das trevas*».

Amigo das trevas só é, pois, o «nefundo» rabiscador. Se não quizer, porém, ficar sosinho no meio de tanta escuridão, metta em casa os bicharocos que acima apontei: metta em casa os morcegos, as corujas, os môchos, e todos os mais irracionaes amantes das trevas. Assim, com *tão bons companheiros*, não terá medo a ninguém, e as luzes (de azeite) *ha de levá-las a fortuna*; hão de ser bem guerreadas sem o auxílio dos *liberaes de todas as cores*. Experimente, e verá.....

As palavras — «inimigo das trevas» — não podem ter outra significação mais propria do que esta — amigo das luzes. E como todos os individuos de juizo (o rabiscador não tem juizo; por conseguinte não entra na conta) são amigos das verdadeiras luzes e do verdadeiro progresso, segue-se que o escrevinhador *deu a p'ra dentro*, chamando ao missionario catholico — «inimigo das trevas». Lá o estar a palavra «inimigo» no singular, isso não quer dizer nada; foi talvez erro typographico. No manuscrito que o rabiscador mandou para a typographia havia de lêr-se — «álerta», que os inimigos das trevas..... (referindo-se a todos os missionarios catholicos). E' verdade isto, ou não, rabiscador?

Mas ouço agora a voz do *pasquineiro* que me diz: — Não, senhor; não culpe o typographo. O leitor do *Janeiro* está a caçoar-me; está a torcer o sentido das palavras que escrevi. Eu escrevi a palavra «inimigo», não para significar — *adversario, contrario, não amigo*, mas sim — *Demonio*.

Muito bem.

Então, *visto isso e os autos*, o rabiscador quer que a palavra — «inimigo» tenha a significação de — *demonio*, sim?

alguns meninos que tinham sahido do Porto por occasião do cerco; e em Coimbra eram constantes nos hospitaes, que no tempo da guerra havia nos collegios de S. Bento e da Graça. (Sempre *maroteiras!*) Além d'isso alguns d'elles foram durante o cerco do Porto para os hospitaes de sangue, principalmente para o da Formiga, onde faziam todo o serviço aos doentes sem distincção de partidos. (E as *partifarias* sem terem fim!)

«Os jesuitas (continua o snr. Martins de Carvalho) iam algumas vezes á Portagem d'esta cidade, e dos degraus d'uma capella que havia junto da ponte, ou dos degraus do pelourinho, faziam prégagens aos presos (mau.... elles ahí estão a missionar) exhortando-os á paciência e á resignação. (Mais *tratantadas!*). Levavam-lhes esmolas, conduzindo os meninos em procissão o que lhes destinavam, que ordinariamente era pão, arroz e di-

N'esse caso diz o rabiscador, no pasquim, o seguinte: — *álerta, que o demonio das trevas.....* E qual será o *demonio das luzes, ó nefundo* escrevinhador?

Comta gentinha da minha terra afirma que o «comboio é obra do demonio».

E como o «comboio» teve cá entrada no grande seculo das luzes, será elle, o «comboio», — o *demonio das luzes*? *Talvez*.

Mas se o rabiscador teima em dizer que escreveu a palavra — «inimigo» como synonyma de — *demonio*, vai agora saber que — *demonio é elle*; demonio é o rabiscador, embora lhe custe aceitar *lho honroso* nome, embora lhe repugne desempenhar um *tão alto* papel na sociedade embora não acredite na existencia do inferno e em demonios. Demonio é o rabiscador. E quem lhe chama — *demonio*, não sou eu; é Jesus Christo, apesar de Jesus não ser justiceiro, mas sómente misericordioso, e tão misericordioso é, que *não pôde* castigar com penas eternas os peccadores que não acordam do somno da culpa grave, que se não arrependem e confessam, que morrem impenitentes. (Isto já se vê, o que sae da bocca do *pasquineiro*). Pois Jesus, tão misericordioso, é que chama demonio ao pobre rabiscador!!!

Ora diga-me, snr. escrevinhador: Não queria, com o seu pasquim, zombar dos missionarios? Queria (5). Não era o seu intento afastar os homens da palavra divina, tirar-lh'a do coração? Era.

Pois bem.

nheiro, que obtinham de pessoas abonadas». (Outra *maroteira!*).

«Por elles (jesuitas) foram feitas algumas MISSÕES na Beira (!!!) e uma MUITO NOTAVEL (!!!) em Gouveia». (Bem vê o rabiscador que nunca acabam as *maroteiras* dos Jesuitas). (*)

Não aponte, ó snr. Joaquim Martins de Carvalho, não aponte mais *tratantadas* dos jesuitas ao rabiscador de Barcellos. O *pasquineiro*, se quizer saber mais alguma coisa, compre, no «Centro de Propaganda Catholica em Portugal», o livro supradito, e d'elle receberá muitas mais *luzes liberaes* sobre as *maroteiras fradescas* e até *jesuiticas*. Amigo é quem lhe mostra a vassoura que deve varrer a sua ignorancia.

(5) O pobre rabiscador queria zombar, mas não zombou; é *zombado*.

(*) Os parenthesis não são de Carvalho.

Ouçã o que disse o Raphael dos oradores (6):

«A doutrina de que elles zombam (os incredulos), a doutrina que elles desestimam, essa é a que lhe devemos prégã, e por isso mesmo: porque é mais proveitosa e a que hão mais mister. O trigo que caiu no caminho comeram-n'o as aves. Estas aves, como explicou o mesmo Christo, são os DEMONIOS, que tiram a palavra de Deus dos corações dos homens: *Venit DIABOLUS et tollit verbum de corde ipsorum*». (7)

Ora ahí está como o demonio *as arranja!* O *pasquineiro* não crê em demonios, o é demonio!!! Nunca o *bandido* rabiscador pensou em tal mas.... não sei que lho faça; apanhe este bom pião á unha, e *regule-se* com elle.

Vamos agora nos *bandidos hypocritas* que o rabiscador *chapou* no pasquim.

A'cerca de *hypocrita* já fallei n'outro artigo (8). Deixe-os, pois, hoje para dizer algo dos *bandidos*. Não devia eu dar ouvidos a taes sandices e desconchavos: o rabiscador, porém, obriga-me a isso. Precisa de luz, dê-se, lho luz.

O republico escrevinhador não igno-

(6) Sabe o *pasquineiro* quem é o *Raphael dos oradores*? Não sabe. Pois ahí vai luz: — é o grande jesuita e missionario Padre Antonio Vieira. Veja o rabiscador até onde pôde chegar o *desaforo* dos homens *rudés*: Chamarem — *Raphael dos oradores* — a um jesuita, a um missionario!!!.....

E ainda mais: Francisco José Freire diz do Padre Antonio Vieira o seguinte: «Se me não enganam os testemunhos de sabios infinitos, nem antes, nem depois d'este singular orador tivemos penna do mesmo aparato. Possuiu em grau sublime todas as delicadozas, propriedades e energia da lingua; por isso ainda ninguém duvidou usar vocabulo, phrase e expressão achada em seus escriptos. Seguir em tudo e por tudo o fallar de Vieira, é uma segurissima regra de conseguir não só a pureza, mas o louvor de ter todo o conhecimento das subtilizas do idioma portuguez».

Dizer isto d'um jesuita, d'um missionario, é mais que *desaforo*, não é, rabiscador?

(7) O «*Chrysostomo portuguez*» disse as palavras acima expostas n'um sermão da sexagesima, prégado em 1655. O rabiscador de Barcellos publicou o pasquim na dominga da sexagesima de 1886.

Que notavel *coincidencia!* Uma *capuçã tão justa* para o *pasquineiro*, feita ha 231 annos!

(8) Veja o rabiscador a pag. 105.

ra que—«bandidos», *ladrões, salteadores, etc.*, são *vaposos* muito parentes, ligados pelos laços da *fraternidade amiga do alheio*. Não é verdade isto? Pois então, escute: Assim como o republico rabiscador não pôde chamar «*patriotas honrados*», nos «*liberaes de todas as cores*» sem licença dos missionarios, as-

Esteja attento, rabiscador, á noticia que o telegrapho (9) deu em 1883. Ouça:

«Luiza Miguel foi condemnada a 6 annos de prisão e 10 annos de vigilância pela policia, como *authora* da provocação publica e do roubo aos padeiros, Poujet foi condemnado a 8 annos

radez e patriotismo!! Caramba! Quem quizer colher flores de probidade, procure-as no bello jardim republicano.

Mas..... Viva a Republica! para vivorem os «bandidos» republicos!!

Não aponto mais *exemplos* de «bandidos». Por estes dois se vê claramente quem é que argua «*o m altivez e so-*



SANTO HELLAS NO DESERTO

sim não pôde chamar «bandido» a individuo algum sem licença dos seus confrades republicanos.

E' certo que a Republica franceza é indicada por todos os impios republicos de cá, como—Republica *modêlo*. Pois vá lá. Para o fim que tenho em vista, aceito tal indicação. Ahí vai uma *bandida* e um *bandido*, republicanos da republica *modêlo*

de prisão e 10 de vigilância *pelo mesmo crimes*.

Que tal? Isto é que se chama *hon-*

(9) Por fallar agora em telegrapho. O rabiscador já recebeu a medalha que sua Magestade ficou de lho remeter pelo *fio elastico*? Se ainda a não recebeu, foi porque ella se despegou do *fio*, e então—cruzes na bocca.

branceria o collar, e pôe *sem pratica os seus demolidores, os seus disolventes planos de esphacelamento e de anarchia social*.

Se o *pasquineiro*, porém, quizer ter conhecimento de mais «bandidos» e de outras muitas *bellezas* da senhora Republica, queira folhear o livro que tem por titulo—«*Filla e elles*»—pelo *exc.º* snr. J. de Lemos. Allí é que se vêem

gentilezas republicanas !! E' um cordão d'ellas sem fim, mas um cordão todo insanitario !!

Sobre «os vendilhões do templo», palavras estas que o «nefando» (10) escrevinhador pilhou a dente em algures, rabiscando-as no pasquim sem saber o que fez, não digo nada, posto que se podia dizer muita coisa linda.

Ah! sim. Apenas digo que, se Christo Senhor Nosso, tão misericordioso, tão manso e pacifico, fez de cordas um azorrague e expulsou com elle os profanadores do templo, quantos azorragues faria Jesus se Elle visse então, como hoje se vêem, tantos e tantos individuos que, como o pasquineiro, ou sam apparecer no templo, sem fé nenhuma, e demais a mais, a erguerem «com altivez e sobranceira o collo» contra os bons missionarios que annunciam a palavra divina, contra os ministros do templo? Quantos azorragues faria Christo se visse tantas profanações!! Oh! como Elle, apesar de ser tão misericordioso, malharia no rabiscador e outros quejandos! (11)

Eis, pois, no que se resumem as primeiras rabiscas do pasquineiro:—Uma cambada de parvoices e nada mais.

O resto da pasquinada será analysada a vol d'oiseau: a não ser d'esta maneira, teria de bater á porta dos leitores o anno de 1887, e sem verem aqui publicado todo o pasquim.

Remato este artigo offerecendo á contemplação do rabiscador as seguintes palavras que Jesus disse aos judeus:

«Se Deus fosse vosso Pae, certamente me amaríeis: porque eu de Deus saí e vim; porque não vim de mim mesmo, mas elle me enviou.

«Porque rasão não entendeis o que vos digo? E' porque não podeis ouvir a minha palavra.

«Vós tendes por pae o diabo, e quereis cumprir os desejos de vosso pae. Elle era homicida desde o principio, e não permaneceu na verdade, porque não ha n'elle verdade; quando diz a mentira, falla do que lhe é proprio, porque é mentiroso, e pae da mentira.

«Mas ainda que eu vos digo a verdade, não me credes.

«Qual de vós me arguirá de peccado? Se vos digo a verdade, porque rasão me não credes?

«Aquelle que é de Deus ouve as palavras de Deus. Por isso vós as não ouvis, porque não sois de Deus». (12)

(10) Muito bem serve ao pasquineiro a nefanda casaca!

(11) Note uma cousa o pasquineiro: Se Jesus «foi tão severo contra os profanadores, quando vinha como Salvador, que fará quando vier como Juiz?»

(12) S. João, cap. 8. v. 42 e seg.

Preste o rabiscador um bocadinho de attenção a estas palavras de Jesus, e depois diga-me se o rabiscador bem me entende.

Um leitor do «Primeiro de Janeiro»



Coisas! Coisas!

FILIO Castellar, o grande trribuno hespanhol, a quem podemos chamar um democrata ás direitas, e que, a nosso ver, está muito longe da democracia dos Magalhães Lima, Consiglieres Pedroso e outros democratas cá do nosso Portugal, publicou não ha muito um artigo na importante revista madrilena *La Ilustracion Espanola y Americana*, no qual, sob o titulo—El Pontifice Romano y el Canciller Alemán, faz considerações de grande alcance, e que muito deveriam aproveitar aos bentinhos que andam por este mundo a fallar em democracia, mas procurando hostilizar a Egreja, como que Ella não fosse o typo verdadeiro da mais pura democracia.

O eloquente escriptor depois de di vagar pela historia da Egreja, e do moderno imperio allemão, conclue o seu artigo por estas palavras:

«Pois bem; o chanceller, (Bismarck) destruindo as leis de maio, e revogando as disposições tomadas ha mais de dous lustros contra a Egreja, acaba de passar n'este mez de abril por humilhações moraes, não menos acerbas, que as tristemente celebres passadas por Henrique IV, em seus já apontados dias do mencionado janeiro. Este instructivo exemplo da Omnipotencia de um omnipotente, escarmenatará, com toda a certeza, a muitos democratas, e lhes mostrará a impossibilidade manifesta de vencer e subjugar a Egreja.»

Meditem bem nas palavras do grande escriptor e parlamentar da nação visinha, os palermísimos ninguens que se dizem democratas, para não andarem a fazer rir a gente com suas babu sciras.

O snr. padre Arthur Brandão, director d'uma publicação feita sob o nome de «Voz do Christão», publicou um opusculo com o titulo de—*O Evangelho e o Seculo*, e do qual fez o favor de mandar um exemplar á redacção do «Progresso Catholico».

Tem por fim segundo o nosso juizo, feito com a leitura das primeiras paginas, refutar ou aparar a blasphemia, que o snr. Joaquim da Silva Albuquerque, professor da Academia Polytechnica do Porto, proferira diante do

mesmo snr. padre Brandão. Ora essa blasphemia foi nada menos que dizer o tal professor que todas as religiões são igualmente boas! E pega o snr. padre Brandão, arranca da pena de escriptor e lança aos ventos da publicidade 45 paginas cheias e algumas em branco, para notas, para que se não diga que elle, sustentaculo da Religião Catholica, deixou passar sem correção o pedantesco attentado de um lente de Polytechnica.

Andou muito bem o snr. padre Brandão, mas melhor e mais acertado andaria se fizesse o mesmo quando o seu collega e amigo padre Damaso Antunes do «Clero Portuguez», ou quem quer que, com seu aprasimento disse n'aquella folha, que a RELIGIÃO, SEJA QUAL FOR, NÃO É SE NÃO O LAÇO MAGESTOSO QUE PRENDE O ESPIRITO DO HOMEM AO ESPIRITO SUPREMO, porque esta blasphemia, escripta n'um jornal catholico, derigido por um padre catholico, ainda que amigo e collega do Pinheiro Chagas, das Portarias contra os Bispos, é bem mais forte, e causa mais escandalo do que a prefe rida na rua por um homem qualquer, que pode não ser catholico.

Ora ferir-se o snr. padre Brandão ao ouvir dizer:—TODAS AS RELIGIÕES SÃO IGUALMENTE BOAS, e não se offender ao ler:—A RELIGIÃO, SEJA QUAL FOR, NÃO É SE NÃO O LAÇO MAGESTOSO QUE PRENDE O ESPIRITO DO HOMEM AO ESPIRITO SUPREMO, quando a blasphemia é igual, isso é que não se pode tolerar, e, francamente, se s. revd.^{ma} não quer ter uma luz a S. Miguel e que alumie tambem a pianha, parece-o, e se não hade castigar todos os erros, deixe-se de escrever e trate de ensinar a doutrina aos cornetas do regimento.

Venha, venha, que não é tarde ainda, porque os pintainhos que piam em volta do grande Victor Hugo são ainda implumes, e por isso mesmo estas fustigadas podem abrir-lhe os olhos e espancar as trevas em que elles, coitados, vivem.

O snr. Cyrillo Machado, fallando da *Velhice do Padre Eterno* (ainda se pôde fallar n'osta porcaria, sem receio, porque o cholera vom ainda longe) occupou-se tambem de Victor Hugo n'um livro que publicou e disse do deus da asneira o seguinte, que é a verdade mais verdadeira que se tem dito:

«Victor Hugo é en litteratura o que Borromini foi na esculptura: extravagante e disparatado.

«Os hugoltras glorificam n'elle um pensador. Se elle pensasse, tinha morrido ha muito mais tempo.

«No theatro, quando não é puril, é idiota.

«Victor Hugo só tem a significação de um phenomeno a estudar na historia da arte, mas pouco vale como artista.»

Um jornal de dez reis, o «Primeiro de Janeiro» (com licença da «Pallava», que quer que se falle dos jornaes de dez reis, do luva branca) transcrevendo estas mesmas verdades berra como um desesperado, porque lhe tombam o idolo do altar da parbalhico; mas tenha paciencia.

Vae a seguinte noticia em prol do casamento catholico.

A Pati, uma comica-cantora bem conhecida no mundo comediante, fez presente do seu retrato em photographia ao deputado revolucionario Naquet, o que mais fez para dotar a França com a liberalissima lei do divorcio.

Na photographia, luxuosamente em moldurada lê-se o seguinte escripto pela dita:—*Ao nosso libertador.*

Como se sabe esta Pati divorciou-se com o marido o caso segunda vez, em vida do primeiro, e, a uma mulher d'estas que outro serviço se lhe podia fazer mais que deixal-a casar na realidade com as mesmas formalidades com que ella casa entre scenas, e tantas vezes quantas são as peças theatraes!

Sempre é mulher de comedia! E quando estas querem o divorcio, que famosa apologia do matrimonio catholico!

Depois de tantas apologias dos frades, feitas por varias dos seus inimigos (1), ainda appareceu mais uma que não devemos, nem podemos deixar passar sem que aqui fique registrada.

E' o «Primeiro de Janeiro», o jornal das ruas, que vae deffender os frades, que vae dizer o que era o convento.

Lêa-se:

«Instituições de outra idade, como os claustros, que tinham sido o mais poderoso antemoral contra a perversão dos costumes barbaros, largos focos de luz d'onde irradiara o clarão que alumiou a oscura noite da idade-media, e toda a brilhantissima aurora da renascença...»

Uma vez por outra, nas aguas turbas e lodosas do jornalismo de dez reis, sempre se pesca algo de bom, porque a luz da verdade nem sempre a pôde offuscar o atrevido nevoeiro que se levanta dos antros do maçonismo.

Muito obrigado, senhor «Primeiro

(1) Veja-se o livro *Os Frades*, por João de Lemos, publicação do «Centro de propaganda catholica em Portugal.»

de Janeiro», vá andando assim, que talvez cheguemos ainda a ser amigos. Mas quem hade ensinar este lumiar da civilisação se os largos focos de luz foram inutilisados em nome da liberdade? Quem hade ensinar o «Primeiro de Janeiro», agora, que não ha conventos?

Um leitor de gazetas.

SECÇÃO LITTERARIA

Dor e fé

A's vezes, perseguido o seu intento,
captivo d'ambigões,
o homem se maldiz no soffrimento,
na perda de illusões.

A injuria nos labios inflammada,
então lá despontou,
e, sem vingança, a mão de Deus armada
a blasphemia escutou.

Quem se guindou nas azas do infinito,
dominando a harmonia?
Quem a poude seguir no largo fito,
por onde Deus a guia?

Pôde o homem a Deus, clamar, dizer:
«Porque soffro eu o mal?»
Ou faltas sobre faltas surprehender,
n'um plano divinal?

Sabe elle acaso, se o que tem por bom,
um mal após trará?
Ou mesmo quanto julga um pobre dom,
a si lhe convirá?...

Que harmonias no quadro primoroso,
exposto a boa luz!
Que desordens no exame minucioso,
que confusão produz!...

O que a vista, n'uns longes pittorescos,
ha pouco enfeitigara,
são traços, tanta e cõr, mil arabescos,
que o pincel lá deixára.

Gemendo ao peso do meu triste fado,
quantas vezes, Senhor,
hei na vida, o teu nome blasphemado,
maldicto a minha dor!...

E depois, no volver de mais um dia,
o que eu chamei cruel,
desatou-se-me em fructos de alegria,
já sem travos de fel!

Providente cuidado então palpei,
no que julgára um mal,
e, na ordem do mundo, eu exaltei
tua mão paternal.

Porisso hoje, oh meu Deus! se o duro espinho,
meu coração rasgou,
curvo a frente, e prosigo no caminho,
que a fé me illuminou.

E bendigo, Senhor, as amarguras,
que provam a minh'alma,

olhos fictos em Ti, e nas docuras,
do céu na paz tão calma!...

Mattos Ferreira, Prior em Cintra.

SECÇÃO ILLUSTRADA

I

Santo Elias, no deserto

PELOS annos do mundo 3073, e 988 antes de Jesus Christo, nascia em Thesbé, cidade de Galaad, o propheta Elias, essa estrella luminosissima que, fulgindo antes que o sol da divina graça despontasse em Bethlem, havia de fundar os alicerces d'uma instituição que nos seculos christãos tantos benefícios havia de dispensar á humanidade.

Reinava então em Israel Achab, e Josphat em Judá, e não podendo Elias tolerar a: impiedades do Achab, e de Jezabel, sua mulher, annunciou-lhe a esterelidade e fome de tres annos, e foi embrenhar-se nas solidões de Maspha, onde não tardaram a juntar-se-lhe varios discipulos, que, como elle, iam viver vida angelica e penitente, longe da idolatria, que tanto detestavam.

Ali, em meio da luxuriante vegetação do deserto, fallava o Senhor ao servo Elias, e, quando o sustento lhe faltava, descia do céu um anjo que lhe trazia o sustento, como na nossa gravura se mostra, ou então uma avesinha, batendo as alvas azis, se aproximava do santo eremita, que do bico do celeste mensageiro recebia o sustento para aquelle dia.

Voltando ao povoado por ordem de Deus, abysmou a corte dos reis e os povos com seus milagres. Fazia descer do céu um fogo sagrado, que consumia os sacrificios dos idolatras, e quando Ochozias, filho de Achab mandou dois capitães com 50 soldados para o prenderem, Elias fez descer o sacro fogo, e desapareceram entre as chammias os que o tentavam prender. Em Sarepta, resuscita o filho d'uma viuva.

De novo volta ao deserto, dá ao seu discipulo mais dedicado a Regra porque se deviam dirigir os filhos do Carmello, e é arrebatado ao céu n'um carro de fogo á vista de Eliseu assombado, que mais assombrado ficou quando d'aquella nuvem de fogo vê desprender-se alguma coisa que lhe cae aos pés. Era a capa de Elias, essa capa que elle estendia sobre as aguas do Jordão, sobre a qual atravessava o rio como por sobre rija e bem construída ponte.

Com a ausencia de Elias não afrouxou o fervor de seus filhos; nem as perseguições, nem o viver em meio de inimigos tirava a força a esse numeroso exercito de Carmelitas, que cada vez crescia e mais se espalhava por todo o mundo. E lá estão ainda no Carmello, á sombra dos verdes cedros os filhos de Santo Elias, e por toda a parte nós os vemos espalhando os consolos da religião, arroteando montes, abrindo estradas e canaes, trabalhando na grande obra da civilisação e do progresso.

Só em Portugal não ha Carmelitas, que, nem o atheismo de seus governantes os tolera, nem a fome do ouro, essa fo-

me que devora este reino, podia deixar em paz os bens que os Carmelitas, e as de mais ordens possuíam.

Foi necessario os haveres dos pobres, para pagar serviços á Revolução prestados!

A Igreja resou d'este santo eremita no dia 20 do corrente.

SECÇÃO NECROLOGICA



In memoria aeterna erit justus

JÁ não existel... o seu nome foi riscado do numero dos vivos, morreu!... e quem diria que tão cedo o havíamos perder!... Elle que nos faz tanta falta que quasi não deixou quem o substituisse!

Não sabes pio leitor o nome do morto que hoje pranteamos? era o padre Caetano de Faria, natural de S. Martinho de Bornes, no concelho de Villa Pouca d'Aguiar.

Vemos passar d'entre nós para o seio de Deus aquelle sacerdote, cuja presença e conversação era como a fonte do deserto, como o pharol de terra amiga. Ouvil-o, tratá-lo era sempre interessante, porque era um sabio feito em melhores tempos!...

Padre Caetano de Faria foi egresso da Congregação do Oratorio; pois que uma lei iniqua o expulsou da sua casa, ainda no verdor dos annos, recolheu-se ao Seminario de Santarem aonde continuou a cultivar as letras e ahí deu á luz alguns escriptos bastante interessantes, entre elles temos dous folhetos em polemica com o infeliz Alexandre Herculano.

N'estes dous folhetos de sobejo mostra que era bom catholico, amigo da sua classe e philosopho distincto; era dotado d'um genio vivo e era forte na argumentação.

Defendeu com honra o clero portuguez contra as aleivosias e sustentou-se sempre á altura da questão que um homem desvairado queria fazer vingar ridicularisando-nos.

Passado algum tempo recolheu-se á casa paterna aonde veio encontrar seus bondosos paes e irmãos com os braços abertos para o receberem: como era inimigo da ociosidade, como elle mesmo disse em um outro livro, principiou a ensi-

nar latim e philosophia aos aspirantes ao sacerdocio e bastantes serviços prestou á sociedade durante a sua vida.

Foi orador distincto e quiçá o melhor que por aqui havia.

Falleceu pois em sua casa de Bornes, no dia 5 de julho, depois de ter passado os seus ultimos annos em continuo soffrimento que lhe abreviou os dias da sua existencia, todavia não se queixava, soffria com verdadeira resignação.

Foi n'esta mesma aldeia que outr'ora falleceu o nosso primeiro arcebispo de Braga—S. Geraldo.

Conceda-nos pois seu irmão padre Francisco de Faria, verter com as suas, uma lagrima de saudade.

Requiem aeternam dona ei, Domine, et lux perpetua luceat ei.

Tambem no mez de maio p. p. falleceu na povoação de Beça, concelho de Boticas, a virtuosa mãe dos nossos amigos Alvaro Pinto de Magalhães e João Maria Pinto de Magalhães, assignantes do «P. C.»

A virtuosa senhora tinha vindo de sua casa de Villar de Nantes, no concelho de Chaves, assistir aos exercicios espirituaes que annualmente alli se fazem em honra do Sagrado Coração de Jesus e sempre debaixo da direcção do apostolo do norte, o muito revd.º Manoel Gonçalves Couto.

Bemaventurados os que deixam as commodidades da vida para salvarem suas almas.

A fallecida era dotada de excellentes virtudes e muito devota da SS. Virgem; porisso piamente cremos que sua alma candida está gosando no ceu o premio de suas virtudes. Mas ainda assim piedosos leitores ajoelhae e offerecei uma prece pela alma da virtuosa defunta.

Aos nossos amigos filhos da fallecida e mais familia, um aperto de mão.

Concelho de Boticas, julho de 1886.

Padre Candido.

A memoria do Padre Manuel Ignacio Dias

Faz no dia 5 do proximo mez de agosto, 3 annos, que a morte roubára a Traz-os-Montes, um dos mais dedicados sacerdotes, e ao «Progresso Catholico» um dos seus melhores amigos.

Não podemos por tanto deixar de relembrar essa data, para pedir

aos nossos numerosos leitores uma prece pela alma do incansavel trabalhador, do infatigavel obreiro da civilização christã.

E que o Padre Manuel Ignacio Dias era tudo isto, dil-o a religiosa povoação de Villa Real e de todas as terras trasmontanas, que todas o conheceram, exercendo como apostolo da Fé, a pratica de todas as virtudes.

Oremos todos por essa alma verdadeiramente inspirada nos divinos ensinamentos, e orvalhemos-lhe a campa com as lagrimas da mais acre saudade.

E já agora narremos o seguinte factio, que prova o quanto o Padre Manuel Ignacio Dias era amigo do «Progresso Catholico»: Poucas horas antes de morrer, estando rodeado de alguns assignantes da nossa Revista, a todos pediu que nunca deixassem de ser seus assignantes, e que promovessem quanto podessem a sua propaganda.

Deus nosso Senhor terá recompensado com as eternas recompensas tão bons desejos, e o que foi nosso amigo na terra, continuará a sel-o no ceu para que as Bençãos do Senhor nos não faltem.

Está de luto um dos mais dedicados amigos nossos e do «Progresso Catholico», o Revd.º Sr. Padre Joaquim José da Cunha, digno parochio em Peniche; pela morte de seu estremoso pac, na terra de sua naturalidade, em Basto.

Acompanhando em sua dor o nosso bom e prestimoso amigo, enviamos-lhe a expressão sincera do nosso pesar, e pedimos aos nossos leitores uma prece por alma do finado.

Uma desgraça enlutou um dos assignantes e amigos da nossa Revista, o Revd.º Sr. Padre Bernardo Thomaz da Silva Ribeiro, de Nariz.

Um seu sobrinho, da idade de 24 annos pouco mais, andando sobre uma arvore, caiu d'ella com tanta infelicidade que, passados minutos era cadaver, tendo ainda assim tempo de receber os Sacramentos da Igreja. Moço de bons costumes, educado com o tio que o estremecia, deixou, por um desastre este vale de lagrimas, entre as lagrimas de todas as pessoas do lugar, que todas prantearam uma tal desgraça.

Ao nosso bondoso assignante, damos sentidos pesames, pedindo ao Senhor lhe conceda a resigna-

ção necessaria para suportar tão fundo golpe, e a nossos leitores sollicitamos uma prece, como suffragio por alma do desditoso manco.

RETROSPECTO DA QUINZENA

TIVEMOS o prazer de conhecer pessoalmente, dois respeitaveis ecclesiasticos, com quem de ha muito tinhamos relações, de quem eramos amigos e a quem nós e o «Progresso Catholico» devemos relevantes serviços, como correspondentes que são d'este centro nas suas respectivas localidades. Recordar os seus nomes é levantar um monumento, aqui, nas columnas da nossa Revista, para que jamais nos esqueçam tão fortes dedicações. São elles, os revd.^{mos} snrs. padre Simão Luiz Pires Gil, e padre Joaquim Domingues da Silva, soldados da velha guarda, e como que dos fundadores do «Progresso Catholico».

Tivemos tambem a visita dos revd.^{mos} snrs. padre Manuel Joaquim Pereira de Carvalho, padre José Benedito Fernandes Lageira, e do exc.^{mo} snr. Luiz Goines da Costa Pereira, assignantes todos e amigos do «Progresso Catholico». E finalmente abraçamos o nosso amigo e valente cooperador o exc.^{mo} snr. Duarte Leite Bragança.

A todos mil agradecimentos.

Na passada revista deixaram os compositores passar, na lista das nossas visitas Barão de Valhado, em vez de Barão de Vallado; pois que era a este illustre titular que nós nos referiamos.

Anda fulo de raiba o protestantismo. Parece que a 3.^a edição do livrinho do chorado apostolo padre Rademaker lhe tem feito mal, muito mal, e destacou-se para Vizella. O protestantismo, porem, anda sempre ás tortas, asna sempre, e na sua viajata a Vizella, asneou mais uma vez.

O *Vinte e cinco por cento!* do padre Rademaker fez-lhe trepar o calor á miolleira, e elle, o pobre tolo do protestantismo receitou-se banhos, mas, filho do erro e da crapula, não soube achar o remedio, e em lugar de banhos de chuva veio tomar banhos de Vizella, quentes, que só serviriam para lhe despear o; membros já velhos e rachiticos.

Mas é verdade, o protestantismo veio a Vizella na pessoa de uma matrona bem apessoada e melhor vestida, e, alojando-se n'uma casa onde se abrigavam varias familias aldeãs, não tardou a abrir banca, a botar sermão, e a ensinar creanças. Por tres dias a

sacerdotisa da synagoga, que tem por *biopote* o Guilherme Dias, arengou aos pobres aldeãs, e contente se mostrava, porque os ouvintes cresciam; mas, oh, fatalidade, ao fim de tres dias apruma-sc-lhe em frente um proprietario dos arredores de Fafe, trava questão com a pantomineira, palavra puxa palavra, e, quando a questão era mais forte e ao julgar-se o bom e honrado lavrador offendido nas suas creanças termina a questão com duas soleinnissimas bofetadas. A pandega, julgando ter arranjado partido, quiz berrar, mas todos os espectadores se põem do lado do honrado filho do campo e... foi uma vez uma sacerdotisa protestante; ninguem a viu mais, retirou com armas e bagagens, e lá foi contar á chafarrica o fructo da *missão*.

Distribuia um livreco com o titulo — *O amor de Deus para com os peccadores*, do qual nos mandaram um exemplar, e que recommendamos ao zelo do clero de Vizella para que o façam queimar onde quer que appareça.

E porque elles redobram de esforços façamos nós o mesmo, propaguemos, espalhemos com todas as nossas forças o trabalho do padre Rademaker contra os embustes do protestantismo, e teremos satisfeito nossos deveres do catholicos e portuguezes.

Mas o modo porque o honrado e catholico lavrador terminou a questão em Vizella, é bom não ao esquecer, e até, digamos a verdade, fazer uso d'elle uma vez por outra. Quando a impiedade é atrevida, malcreada, duas bofetadas tem seu lugar, cahem nas faces do pedante com uma graça passmosa.

Recommendamos isto aos nossos amigos de Ponte do Lima, onde nos dizem haver sujeitinho tão estupidamente mal educado, que se conserva em pé e de chapau na cabeça, á passagem do Santissimo Sacramento da Eucharistia. Para esses, quando a auctoridade não cumpre os deveres que tem de fazer respeitar a Religião do Estado, fuisse-lhe justiça á Fafe—esmurra-sc-lhe as ventas.

Diz o «Commercio de Portugal» que S. Em.^a o Snr. Cardeal Patriarcha de Lisboa, tem desejos de restabelecer em todas as igrejas parochiaes do Patriarchado o ensino do Cathicismo da Doutrina Christã, em todos os dias santificados.

Lembrança sublime e só digna do espirito altamente catholico de tão virtuosissimo Prelado. De desejar seria que em todas as dioceses do reino se pu-

zesse em uso uma tal pratica de que tão bons fructos poderiam colher-se.

Pedimos licença para sensurar o «Affonso Henriques», de Lamego, o pouco escrupulo com que escolhe os escriptos que publica. A poesia do seu n.^o de 16 de julho *A freira*, é indigna das columnas de um jornal religioso, se é religioso catholico; é mais propria para a «Lucta» ou para o «Seculo». Estranhamos tambem o annunciar *Os Miseraveis* de Victor Hugo. Se é catholico collega, seja-o em toda a sua pureza, que é a maior gloria que pode ter.

Vamos annunciar aos nossos leitores, e muito especialmente aos de Guimarães e concelhos visinhos, duas festividades em honra do SS. Coração de Jesus, ambas a pequena distancia da cidade, e qual d'ellas mais imponente.

Está escolhido o dia 8 de agosto para essas duas festas que de si devem deixar memoria.

Uma é no Mosteiro de Souto, e terá duplo fim, pois que servirá para memorar o dia do Padroeiro—o Salvador, e para a inauguração do seu altar consagrado ao SS. Coração de Jesus, cuja Imagem, esculpturada n'uma das melhores officinas do Porto, será conduzida em lusidissima e apparatusa procissão da capella de Santa Margarida na quinta do Paço em Britteiros, para sua igreja tendo se antes celebrado uma missa campal pelas 6 horas da manhã, o que será de um effeito bellissimo.

Chegada a procissão a Souto terá lugar uma communhão geral, e depois missa cantada a grande instrumental, sermão de manhã e de tarde, *Te-Deum*, etc. etc.

O nosso amigo, Prior da freguezia, não se tem poupado a trabalhos e despezas para fazer uma festividade digna em tudo do alto fim a que se destina, e por isso cremos que da cidade e das freguezias que marginam o Ave e se penduram nos pincares da Falperra e Sameiro, concorrerão em tropel a assistir a tão pomposa festividade.

A outra é na Cruz, na igreja de um conventinho, outr'ora senobio de santos e virtuosos padres, na freguezia de Fareja.

Aqui vae installar-se uma confraria ao SS. Coração de Jesus, e o Apostolado da Oração. A imagem do SS. Coração de Jesus, vinda agora de França, será no dia 1 de agosto conduzida em procissão da igreja de Jueiros, e n'esse dia se principiará exercicios preparatorios para a grande festa do dia 8, que constará tambem de

Communhão geral, missa a grande instrumental, sermão de manhã e de tarde, e uma procissão vistosissimas, com muitos grupos de *anjinhos*, figuras alegoricas, coros de virgens, etc., etc.

O muito revd.º padre Antonio Correia, de Pedreira é que toma a direcção dos exercicios, ajudados por outros missionarios.

A' Cruz, pois, e de caminho visitam-se as campas dos frades Azevedo e Christovão, esses servos de Deus, que, com a fama de suas virtudes tanto tem chamado a attenção dos filhos da Igreja.

Sendo ambas as festas no mesmo dia, e ambas ao SS. Coração de Jesus. a qual iremos? D'aquella a que assistirmos contaremos aos leitores.

Este mez tem sido o mez das festas. Na do SS. na Real Collegiada, de manhã tivemos o prazer de escutar o nosso amigo Revd.º Lopes Martins, e damos-lhe, por isso os parabens, pela maneira como discursou ácerca da presença real de Jesus Christo na Eucharistia.

Os devotos da Virgem do Carmo, da Penha, levaram esta imagem em procissão para a sua gruta no alto da serra, no dia 17 do corrente, procissão adornada de *anginhos*, etc. etc.

Recebemos o Relatorio e contas da Conferencia de S. Vicente de Paulo, de Penafiel, pelo qual vemos que não afrouxa a boa vontade dos penafielenses para sustentar uma instituição tão util e tão altamente sympathica, pelo que lhes damos os parabens, assim como ao digno Presidente da Conferencia, o Exc.º Sr. Barão do Calvario.

O nosso bom amigo e collaborador da nossa Revista, Exc.º Desembargador da Relação Ecclesiastica do Patriarchado Dr. Alfredo Elviro dos Santos, que acompanhou a Roma Sua Em.ª como seu secretario particular, foi elevado á alta dignidade de Monseñor e Camareiro Secreto de Sua Santidade.

Com um aperto de mão, enviamos ao nosso amigo mil parabens.

Como simples curiosidade, que não por outra cousa, pois não tomamos o encargo de curar da fazenda publica, damos a seguinte noticia, que mostra o estado financeiro do paiz, os seus progressos, etc., etc. e tal:

Divida fluctuante do paiz

Interna.....	6.573:336\$605
Extrangeira...	6.558:284\$160
Total.....	13.131:620\$765

Isto é o estado em 30 de junho. Em 31 de maio a cousa andava por 12.444:093\$170 havendo por tanto em um mez o pequeno acrescimo de reis 687:523\$295.

Já é crescer! Um paiz que faz crescer n'um mez a sua divida em seis centos e tantos contos, que vem a ser perto de 23 contos por dia, já pôde ufanar-se de bom financeiro, não pôde, leitores!

O paspalhão do noticiarista do *Primeiro de Janeiro*, dava ha dias sob a epigrapho—*Os missionarios em Barcellos*, a noticia de que o povo d'aquella villa apupára um missionario, ou que se diz tal, n'uma casa em que o padre estava prégando.

Toda a gente sabe, porque os jornaes de Barcellos o disseram, que o povo se conspirou contra um intrujão protestante que andava a fazer propaganda; mas o rabiscador do jornal de dez reis, só diz que era missionario e padre. São uns trastes estes jornaes da geringonça! Fallaremos no proximo numero.

Não eram mais infelizes as virgens do Senhor, nos tempos em que as hordas selvagens invadiam a Europa e saqueavam os mosteiros. Em pleno seculo das luzes, e quando tanto se fallava em liberdade, pratica-se o mesmo que se praticava muitos seculos alem, quando as monjas procuravam abrigo á sombra dos castellos feudaes, fugindo ao alfange e á rapacidade dos filhos de Mafona. E não só o mesmo, mas peor ainda, porque se espoliam os conventos, poem-se as religiosas no olho da rua, e isso, vergonha é dizel-o, em nome da lei, de uma lei referendada pelos ministros d'um rei que usa o titulo de Fidelissimo!

Vergonha!
Com a morte da ultima freira do Convento de Arouca, ficou extinto este mosteiro medeval, onde repousam os restos mortaes de D. Mafalda, rainha de Castilla e filha de D. Sancho I de Portugal, e serão lançadas ao monturo algumas velhinhas que ali tinham abrigo, da idade de 60 e 70 annos, algumas entrevadas, e todas sem meios para viver.

Entraram n'aquella casa, levando o pouco que tinham, na certeza de que ali morreriam, e o barbaresco systema de espoliação manda-as colocar na via publica, á mercê da caridade, ou entregues á fome!

Inaudito!
Para obstar a tão vergonhoso despotismo, reuniram-se os parochos, os 40 maiores contribuintes, proprietarios, de Arouca, para solicitar do

governo a conservação do historico convento, e crearem uma irmandade que sirva de egide ás velhas filhas do claustro.

Bem hajam os filhos de Arouca, que se oppõem ao selvagismo official, bem haja o venerando Prelado do Porto, o Em.º Sr. Cardeal D. Americo, que nos dizem sustenta as pobres velhas, ultimas companheiras da ultima religiosa.

Será condemnado o P.º Galeote, assassino do Bispo de Madrid? Quer-nos parecer que o não será; e porquê?

Porque o P.º Galeote, segundo o testemunho de varios jornaes de Madrid, estava filiado na loja Liberdade ao Or.º de Madrid, e o seu nome de guerra era *Luthero*.

Antes do attentado tinha dito um jornal que varios ecclesiasticos liberaes de Madrid, se haviam filiado no partido republicano e nas lojas, isto é, tinha entrado na maçonaria. Ora se o P.º Galeote, além de ser homem bulhento e de mau character, era maçon, como hade ser condemnado, se a maçonaria manda nos altos poderes do Estado?

Uma prova d'isto é o que os jornaes vão dizendo; que se anda procedendo a miudo exame para se averiguar se o assassino é doido!

Hade passar por doido, porque o avental maçonico se collocará entre o malvado e a justiça (1), o ficará impuno tão monstruoso attentado.

J. de Freitas.

Aos que podem

Continuamos a pedir aos nossos leitores e amigos, pouco que seja, para ajudar a cunprir os desejos de duas senhoras que querem longe da patria vestir o habito de Santa Thereza de Jesus.

Transporte do n.º anterior.	18\$485
Do assignante n.º 1516.....	200
" " 1318, de	
Felgueiras.....	200
Do assignante n.º 1255, de	
Faro.....	720
Do assignante 3870, de Boti-	
cas.....	500
Do assignante n.º 2433, de	
Ponte do Lima.....	100
Do assignante n.º 1196, de	
Amarante.....	300

Somma..... 20\$505

(1) De tudo são capazes. Lea-se a *Maçonaria desmascarada*, que bem mostra o que seja a seita maldita.